

# “A INTERNET SEM VIDA REAL NÃO É NADA”

No terceiro debate da Jornada, autores de diferentes mídias falam de como se apropriam da rede na criação e divulgação de suas obras



Daniela Wiethölter Lopes/ON

A rede derrubou os muros, abriu portas e deu espaço para quem quiser expor suas ideias, seus romances, poemas, contos, ou para quem quiser simplesmente contar sobre como foi o seu dia, suas conquistas, medos e angústias. Em apenas alguns cliques, uma jovem pode se transformar em uma poeta com obras publicadas em diversos pontos do mundo. Mas até quando escrever? Onde escrever? Para quem escrever? Por que escrever? Quando escrever? É, principalmente, existe um limite de exposição nas redes sociais?

Em tempos onde tudo acontece e se transforma na internet, o debate no penúltimo dia da 15ª Jornada Nacional de Literatura levantou os limites e as faces da rede de internet. Na discussão do tema, três autores de diferentes mídias, mas que se apropriam da rede para criação e divulgação de suas obras. Jairo Bouer, médico, psiquiatra, blogueiro, colunista e escritor. A jovem poeta Bruna Beber utilizou a rede para lançar para o mundo seus poemas. O ator, jornalista e escritor infanto-juvenil, Vinicius Campos é ligado 24 horas na rede, mas para escrever suas obras não abre mão de viver intensamente



O debate entre os autores focou na rede como ferramenta importante na criação dos autores e os limites de exposição.

fora dela também.

A rede é solitária, assim como a rotina de um escritor. “Escrever nas redes sociais é muito semelhante à rotina de um escritor, que se isola em seu mundo para transmitir, através da sua obra, seus pensamentos, sofrimentos e ansiedades”, disse Campos. Por outro lado, assim como em um bom livro, são as vivências que enriquecem a rede. “Na frente de

uma tela de computador, tudo se cria; mas antes da criação, o fato tem que acontecer, o escritor tem que conhecer pessoas, conversar, interagir. O conteúdo só existe se a vida de quem escreve existir de verdade. A internet sem vida real não é nada; é uma bobagem”, polemizou.

“Assim como sexo, drogas e álcool, o uso exagerado da rede pode fazer mal”. O psiquiatra Jairo Bouer

afirma que o limite é o segredo e o desafio é sair, fazer o fato acontecer antes do registro na rede. Para ele, a rede é importante instrumento para conhecer pessoas, fazer amigos, namorar e até fazer sexo, mas é preciso que ela se torne uma aliada à vida real. “Naturalmente o ser humano precisa se comunicar, mas muitos têm dificuldades de relacionamento e a rede se tornou um importante recurso para estas pessoas. O que não pode acontecer é ocupar um espaço que não é real, apresentando uma versão melhorada de si mesmo, sua melhor foto, sua melhor frase. Expor o que não é real não é sadio para ninguém”, disse.

“Não dá para negar nem o livro nem a internet. Eles se complementam”. Bruna se popularizou através da rede, mas dá grande valor às páginas de seus livros. Através da internet fez contatos com escritores, buscou editoras e descobriu diferentes formas de publicar seus poemas. Eles estão publicados na Alemanha, Argentina, Espanha, Itália, México e Portugal. “Comecei escrevendo no meu blog, mas com o tempo vi que a rede me exigia demais e ela era mais importante como veículo de divulgação do meu trabalho. Hoje tenho uma vida offline mais intensa”, relatou.

## Grêmial da Literatura



Falando de Grêmio e Inter, Humberto Gessinger e Luís Augusto Fischer, ocuparam o palco do Café Literário no entardecer de sexta-feira



Sammara Garbelotto/ON

O fim da tarde na Jornada Nacional de Literatura é a desculpa ideal para um café. Em meio aos livros, em meio a cultura, a bebida ganha ares literários. Ótimo, porque assim a conversa fica mais leve e flui de maneira mais íntima. Pelo menos essa é a ideia do momento dentro da programação da Jornada chamado Café Literário. Na praça de alimentação do Portal das Linguagens, escritores encontram o público e junto saboreiam o aroma e o sabor - do café e das páginas. Na sexta-feira, um gremista e um colorado decidiram colocar o futebol para jogar no campo da literatura. Humberto Gessinger, autor de Meu Pequeno Gremista, e Luís Augusto Fischer, autor de Meu Pequeno Colorado, defenderam os times, mas nem tanto - defenderam, sim, qualquer tema em favor

da literatura. “O pessoal convidá a gente querendo sangue. Quando chegam, encontram dois melancólicos; um dando razão pro outro”, divertiu-se Fischer. Gessinger concordou. Os dois admitiram não entender muito a técnica, mas, sim, a paixão. “Eu não tenho a mínima ideia do que é 4-4-2. Eu gosto de falar do futebol com paixão”. Ainda que apaixonados, as provocações não foram esquecidas. “Não jogar a 2ª divisão é o mesmo que fechar os olhos para as mazelas do mundo”, riu Humberto, referindo-se ao fato de que o Internacional sempre jogou a primeira divisão do campeonato brasileiro. De fato, a saudade pareceu ser titular no papo. Lembranças, memórias e histórias que fizeram ambos aceitarem o projeto de escrever sobre o seu time foram confessadas ao público. Público esse que, colorado ou gremista, pareceu fazer parte do mesmo time.

